

---

## INTERTEXTUALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA

MIRÂNDOLA, Sônia Maria Machado<sup>1</sup>  
COSTA, Sueli Silva Gorricho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Alexandre Herculano, escritor do Romantismo português, alia a História à ficção ao recriar o episódio do Castelo de Faria, fragmento da crônica sobre a vida de Don Fernando, rei de Portugal, escrita por Fernão Lopes, cronista da Idade Média.

**Palavras-chave:** História. Realidade. Ficção. Intertextualidade.

**SUMMARY:** Alexandre Herculano, a writer of the Portuguese Romantic movement allies History to fiction when he recreates the episode of the “Castelo de Faria”, a fragment from the chronicle about the of d. Fernando, King of Portugal, written by Fernão Lopes.

**Keywords:** History. Reality. Fiction. Intertextuality.

### INTRODUÇÃO

Perante a história, a literatura parece desarmada. As mais belas obras do mundo não impedirão a guerra, não apagarão as marcas da miséria humana. Mas, privado da arte, o homem estaria amputado de sua melhor parte, incapaz de legar sua imagem à História. (P. de Boisdeffre, *Métamorphose de la Littérature*. Paris, Alsatia, 1951).

Este artigo pretende analisar as relações dialógicas existentes entre a História e a ficção, tendo como objetos de estudo o episódio O Castelo de Faria, fragmento de uma crônica histórica escrita por Fernão Lopes, e o conto homônimo de Alexandre Herculano.

Tanto a História como a Literatura são espelhos da humanidade, já que ambas representam instrumentos de conhecimento do homem e do mundo. A Literatura, por meio de uma linguagem rica, expressiva, recria o mundo e retrata o homem, suas realizações, seus sonhos, suas alegrias, emoções e angústias. A História em O dicionário da Língua Portuguesa – Novo Aurélio (1999), “compreende uma narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos”. A missão de um historiador consiste em relatar fatos reais, tais como

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda. Professora da F.F.C.L. de Ituverava. CEP.14500-000 – Ituverava – São Paulo – Brasil.

ocorrerão na realidade concreta; a de um escritor é recriar esta realidade, enriquecê-la, insuflar-lhe uma nova imagem.

Dessa forma procede Alexandre Herculano, ao recriar um fragmento da crônica de Fernão Lopes, sobre a vida de Don Fernando, rei de Portugal.

Nota-se na primeira o compromisso com a verdade, com a realidade; na segunda, o compromisso com o sentimento do autor, com suas aspirações e vontades. A História impõe uma realidade; a Literatura transfigura essa realidade.

Fernão Lopes, século XV, cronista da Torre do Tombo; século XIX, Alexandre Herculano, escritor, poeta, diplomata, na Torre do Tombo. Distantes no tempo, na vida, mas semelhantes quanto aos destinos, quanto à concepção de vida. Ambos, historiógrafos, cultuavam a liberdade, a nacionalidade e a justiça entre os povos.

Simpatizantes do povo e da Revolução financiada pela recente burguesia, Fernão Lopes apresenta uma visão da realidade social muito mais ampla e concreta que a dos cronistas, seus contemporâneos. Assenta-se numa noção de verdade relativa, baseada em documentos passados, o que o conduz a uma imparcialidade na análise dos fatos, bem como a uma severa investigação das fontes.

Iniciou Fernão Lopes um método investigatório de inédito rigor para a época. Segundo Oscar Lopes e Antônio José Saraiva, até hoje não foi possível abalar, em nada de importante, a solidez de sua obra sobre o ponto de vista documental. Sua concepção da História, apesar de ainda ser regiocêntrica e medieval; em alguns aspectos, aproximam-no de uma concepção moderna, pois apresenta uma visão de conjunto da sociedade portuguesa da época, ressaltando, principalmente, a importância dos fatores econômicos; a participação do povo como agente histórico e o modo de coadunar as ações individuais com os movimentos de massa.

Alexandre Herculano, além de historiador, poeta e ficcionista dos mais competentes. Vida marcada por intensa participação política. Sentiu-se no sangue a invasão francesa a Portugal, a luta pela expulsão destes, a invasão dos ingleses e a luta pelo liberalismo. Em consequência dessas lutas é obrigado a exilar-se na França. Sua obra espelha a sua vida. Vida e obra caracterizada pela intensa pesquisa histórica, empenhando-se em construir histórias que conciliam o histórico e o imaginário. O recurso ao histórico expressa a tendência romântica para a valorização do medievalismo e do espírito de nacionalidade. Prevalece, no entanto, sempre o pensador, o intelectual sobre o sensitivo, o inventado. Daí o seu entrosamento maior com a historiografia. Para realçar ainda mais suas predileções insere-se, como escritor, numa

---

época em que a volta ao passado histórico é de grande valor. História e Literatura confundem-se, numa perfeita integração.

O assunto abordado comum aos dois textos, configura-se logo no início do capítulo LXXVIII e LXXVIX da crônica escrita por Fernão Lopes (s.d.).

Como Henrique Manuel pellejou com Pero Exarmento, e foram vencidos os Portugueses e como Nuno Gonçalves de Faria foi morto porque nom quis dar o castello a Pero Rodrigues Sarmento.

Como o próprio autor afirma em uma de suas obras,

O historicismo e o medievalismo romântico não se reduzem à idéia de fuga, de escapismo, comumente atribuídos aos românticos e, sim porque as raízes da nacionalidade portuguesa estão na Idade Média.

Como se nota, por meio de uma linguagem denotativa, relata objetivamente suas crônicas, tornando-as reais, verdadeiras. Herculano alia a História à ficção, subjetivamente. Cria obras literárias representativas, ou seja, que podem ser confirmadas através de documentos, através de fatos realizados em épocas remotas: De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergavam ao longe as bandeiras castelhanas que esvoaçavam soltas ao vento [...] (HERCULANO, 1851).

Fernão Lopes ao relatar a vida do Rei de Portugal, Dom Fernando, cita o episódio do Castelo de Faria, de forma sucinta e clara. Inicia em plena invasão castelhana a Portugal. Personalidades da época se unem para planejar a expulsão do inimigo que, além do domínio político, exige que os portugueses lhes concedam suas moradias. Mostra como Nuno Gonçalves de Faria, o bom escudeiro, foi morto, por não concordar em ceder o Castelo a uma dos chefes castelhanos, Pero Rodrigues Sarmento.

Segue o fio condutor da História, pois tinha compromisso com a verdade, o que o conduzia a uma imparcialidade na análise dos fatos, como também a uma severa investigação das fontes:

Jazendo Lisboa desta guisa cercada, entrou antre Doiro e Minho Pero Rodrigues Exarmento, adeantado em Galliza, e Joham Rodrigues de Bema, e outros fidalgos daquella terra, e chegarom ataa Barcellos. E gentes de Portugal daquella comarca se juntarom para pellejar com elles, assi como Dom Hamrique Manuel, tio Del Rei Dom Fernando[...] (LOPES, s.d.).

Essa passagem, ou seja, o Castelo de Faria, constitui a fonte histórica para Herculano em um de seus contos de Lendas e Narrativas, aliás, com o mesmo título.

Numa linguagem rica, poética, utilizando um narrador heterodiegético, observador e onisciente, Herculano apresenta o mesmo fato já exposto por Fernão Lopes. Trata-se de uma narrativa de ação, por ser esta a máquina impulsionadora dos períodos revolucionários. Todos os momentos são decisivos. Ambienta-se numa província, entre Doiro e Minho. Ambas as narrativas se processam em locais precisos e referenciais. Herculano, na tentativa de mostrar a veracidade de seu conto, coloca a ação onde, realmente, ela ocorreu:

[...] O espectador collocado no cimo daquella eminência volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinhais apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho. Este monte [...] já se viu regado de sangue[...] (HERCULANO, 1851).

Segundo Maria Teresa de Freitas (1986), pode-se distinguir em textos dessa natureza três elementos especificamente históricos: a ação e a situação – em que a ficção permanece fiel à História; a análise e a reflexão histórica e as técnicas de autenticação do discurso.

Embasados nesses três elementos, ocorre em O Castelo de Faria, o narrador fiel à História e aos fatos do texto de Fernão Lopes. Um encontra a sua referência no outro, o que se remete a uma série de informações quanto à realidade histórica da época, pois os fatos narrados estão diretamente ligados ao acontecimento central dos alcaides de Faria: [...] O bom escudeiro de Nuno Gonçalves, que foi preso neesta pelleja que ouviste, teemdo gran sentido do Castelo de Faria, que leixara encomendado a seu filho [...] (LOPES, s.d.).

Assim o universo interior da narrativa – produzido pelo discurso – a diegese, segundo a terminologia utilizada por Genette em *Figures II* (1972), coincide com a realidade exterior à narrativa, designada pelo discurso – o referente.

A ficção invade a História. Herculano age de acordo com os preceitos da Escola Romântica. Extrapola o texto de Fernão Lopes, enriquecendo-o com novos horizontes.

Herculano busca na Crônica de D. Fernando a sua temática, mostrando de forma ficcional o presente onde antes já houve História: este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue [...], Castello real da Idade Média, a sua origem soma-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito [...], Ainda no século dezessete[...] [...]. Ao fazer isso, ocorre a relação dialógica, ou seja, a intertextualidade com o texto de Fernão Lopes, visto que se percebem pontos comuns entre os dois (Platão; Fiorim, 1999). Inicia

---

relatando a soberania do Castelo no passado e a beleza daquele lugar, cujo único resquício é um mosteiro de franciscanos que lá se ergueu:

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, aprazível é o sítio, som breado de velhas árvores. Sentem-se alli o murmurar das águas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silêncio daquela solidão, a qual, para, nos servimos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horizontes parece encaminhar e chamar o espírito à contemplação das cousas celestes. (HERCULANO, 1851).

O tempo corroe aquele gigante aterrorizador, aquele dominador dos vales vizinhos, onde já se viu regado de sangue, onde já se ouviram gritos e tiros. O tempo apagou o trágico passado, substituindo-o por orações e suaves cantos. O que ficou, o que chegou até nós, a História foi a responsável. Por isso Herculano aliou-se a ela. Através da História conhece-se o passado, entende-se o presente e capacita-se para a transformação do futuro.

Enquanto Fernão Lopes é objetivo, Herculano é subjetivo, esbanja em exuberantes descrições e, ao mesmo tempo, melancólicas: sítio sombreado de velhas árvores; sentem-se ali o murmurar das águas e a bafagem suave dos ventos [...] [...], monte, ora ermo, silencioso e esquecido, janelas claustrais, guerra infeliz, grosso corpo de gente[...] [...]. Como se observa, o narrador apóia-se na adjetivação para expressar-se. Descrições estas que conduzem ao passado histórico a fim de pôr em evidência o ambiente trágico e, ao mesmo tempo, solidário de uma guerra, já que os portugueses unidos lutam para expulsar os inimigos de suas terras. A natureza reflete o silêncio, o sofrimento por que passaram os habitantes do Castelo; é a testemunha do que ali aconteceu. Trata-se, portanto, de um espaço pragmático. A natureza é participante, retrata o espírito, a maneira de ser das personagens.

Nesta descrição, nota-se também o culto ao estoicismo da Dor, da Solidão e da Liberdade. As imagens da natureza majestosa, do vento, dos montes, expressam o caráter sombrio do seu “eu” – poético, bem como o apolíneo e o epicizante dos seus sentimentos. Vitor Hugo empresta-lhe o tom retórico, o discursivo e a eloquência, bem como a conseqüente restrição ao plano metafórico.

A figura mais empregada por Herculano é o animismo – o próprio Castelo assumia no passado o dominador dos vales vizinhos; o castelo tinha recordações de glória, pedras foram testemunhas.

Fernão Lopes e Herculano possuem um estilo maleável, coloquial, primitivo, não escondem o gosto pelo arcaísmo, embora haja maior incidência na obra do primeiro, devido à

própria época em que viveu. Ambos são de origem humilde e amam o povo: - Amigos, disse *elle, nom curees* da bandeira, que *he huum* pouco de pano que se vai [...].(LOPES, s.d.).

O tempo é cronológico, entretanto, não há datação determinada. Nota-se o transcorrer do tempo pelo fluir dos acontecimentos:

O Adiantado de Galiza, Pedro Rodrigues Sarmiento, entrou pela província [...], trabalhava a maior parte [...], matando e saqueando..., foram desbaratados no primeiro dia de combate o terreiro[...] (HERCULANO, 1851).

As referências temporais: Ainda no século XVII, parte de sua ossada.[...], no século seguinte [...] – não fazem parte dos acontecimentos narrativos. São pretextos para indicar a antiguidade do Castelo; constituindo-se, na maioria das vezes, analepses.

Em relação às personagens, as de Fernão Lopes, consideradas personagens históricas, representavam fidalgos e outros cidadãos de Lisboa, que se uniram para expulsar os castelhanos.

A personagem principal é Nuno Gonçalves de Faria, o qual demonstra a nobreza de seu caráter ao se expor corajosamente à morte na defesa do Castelo. Herculano não só cita algumas das personagens já proferidas por Fernão Lopes como também inclui outras como: D. Fernando, que se recusou a casar com a filha do rei de Castela, sendo este o estopim do cerco a Portugal. D. Afonso, primeiro duque de Bragança, trouxera a pedra, de Ceuta, que serviria de altar. Não agem na trama, são citadas para elucidar os acontecimentos, constituem elos para inserir a História, uma integrada à outra.

O protagonista de Herculano, o verdadeiro herói, continua sendo Nuno Gonçalves Faria que, tal como no conto anterior, não cede o Castelo a Pero Sarmiento, sendo por isso, morto. Entretanto, antes pede ao filho que não o entregasse também, a não ser que passassem sobre o seu cadáver: Sabes tu, Gonçalo Nunes que dever de um alcaide é de nunca entregar o seu castelo a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas delle.

As personagens de Herculano são descritas subjetivamente, tipicamente românticas, *através de um narrador onisciente: o valoroso alcaide pensava em como salvaria o Castelo, o bom alcaide;[...] as reflexões do filho.*

O texto mostra que o homem é livre, possui poder de decisão, isto é, não está sujeito a calos de dependência pessoal, mas somente à razão e às leis naturais.

Segundo Antônio Cândido (1980), quanto à criação das personagens, estas são figuras transpostas de modelos anteriores. Herculano volta ao passado, matem aquelas personagens com nomes semelhantes ou até com o próprio nome. Uma verdade histórica, numa obra de

---

arte. Essa era a pretensão dos românticos, através de temas nacionais despertar a nacionalidade com o propósito de revolucionar e reformar.

Dessa posição gera o Saudosismo, em busca do passado nacional, a fim de despertar o amor à pátria e à liberdade; um amor saudoso, procurando demonstrar, na época, o anacronismo político-social do presente com o passado.

Herculano preconiza em suas obras, o retorno ao Cristianismo vigoroso e puro, como só teria sido praticado, na Idade Média; o retorno aos princípios cristãos, com a possibilidade de integrar o homem a Deus, à perfeição – sobre as ruínas do Castelo, edificava-se um convento de Franciscanos, lugar ameno, sombreado de velhas árvores [...]; Gonçalo Nunes, o filho do alcaide, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento [...] foi depor ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavaleiro, para se *tornar sacerdote, ministro do santuário*. Somente como um ministro de Deus na Terra, à semelhança de Deus poderia pagar, com lágrimas e orações a seu pai as honras recebidas em nome dos “alcaides de Faria”. Tal qual a outras personagens de Herculano, Gonçalo Nunes refugia-se na religião para esquecer o trágico final de seu pai:

[...] Mas a lembrança do horrível sucesso estava sempre presente no espírito do moço alcaide. Pedindo a el rei que o desonrasse do cargo que tão bem desempenhava, foi depor ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavaleiro para se cubrir com as vestes pacíficas do sacerdócio [...] (HERCULANO, 1851)

O narrador revela com profundidade e intensidade os conflitos das personagens: Nuno Gonçalves, sua relutância em ceder o Castelo, o ardil preparado para tapear o inimigo e Gonçalo Nunes, o filho, lembrando-se das últimas palavras do pai – “Defende-te, alcaide!” “A lembrança do horrível sucesso não lhe saía da cabeça”.

Há uma intertextualidade implícita entre os contos de Fernão Lopes e o de Herculano que, como já foi dito, este assim o fez para confirmar a veracidade dos fatos a fim de recuperar a cultura medieval; o nacionalismo ufanista dos portugueses; a exaltação do povo, dos heróis, da paisagem física e da religiosidade cristã. Reafirmando, assim, a importância da História.

E a epígrafe de Boisdelfe (1951) confirma o grande valor da Literatura quanto da História para a humanidade, uma não sobrevive sem a outra. Embora a Literatura não apague as mazelas do sofrimento humano, não mude o curso dos acontecimentos, somente ela pode ser porta-voz das realizações humanas no transcorrer dos tempos. Realizações que, ao longo da vida, constituirão a História.

Os bens materiais vão sendo destruídos pela ação da natureza. Os nossos pensamentos tornam-se mais vagos, as lembranças mais distantes. É a História quem consolida para a posteridade um momento marcante e de relevância em nossas vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto conclui-se que Alexandre Herculano, por meio de um conto, recria com beleza e arte, o fragmento – “O Castelo de Faria”, inserido na Crônica de D. Fernando, escrita por Fernão Lopes, em meados do século XIV.

Literatura e História confundem-se e unem-se num acordo perfeito. A ficção amplia os horizontes históricos, transpõem as personagens para outras realidades; porém, sem perder o fio condutor da trama, ou seja, a invasão a Portugal pelos castelhanos.

Alexandre Herculano, em busca das origens de sua terra, mantém-se fiel às características da estética romântica. Aliando a História à ficção muito contribui para o alargamento do conhecimento sobre o mundo português, particularmente em relação à Idade Média, época de freqüentes guerras, em que cavaleiros heróicos lutavam contra exércitos inteiros, em defesa de sua pátria.

Fernão Lopes, criador das crônicas históricas; Alexandre Herculano, criador do romance histórico. O primeiro valorizando a verdade que o cerca; o segundo, a fantasia, a imaginação, a história da vida.

Do início ao final do conto, Herculano mantém-se fiel aos dados históricos, apesar de enriquecer, extrapolar essa realidade através de impressionantes imagens.

A ficção invade a História. História cuja historicidade autêntica passa a ser reconhecida por sua própria identidade discursiva. O passado como referente não é apagado, mas incorporado e modificado, adotando assim novos significados; apesar de preso ao contexto histórico-social e ideológico nos quais existiram e continuam a existir.

A História invade a ficção, realidade e imaginação solidificam-se, coexistem.

Para Freitas (1986), uma conclusão se impõe:

Apesar do aspecto documental, apesar da preocupação com a fidelidade ao referente, apesar das semelhanças com o discurso histórico, apesar da dimensão sócio-histórica, a História se dilui na ficção, transformando-se em aventura romanesca e assumindo a forma de narrativa literária. É assim que ela se transforma em Literatura.

**REFERÊNCIAS**

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.

FREITAS, M. T. de. **Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual, 1986.

FIORIM, J. L., SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1999.

HERCULANO, A. O Castelo de Faria. In: \_\_\_\_\_ **Lendas e Narrativas**. São Paulo: Ática, 1851.

LOPES, F. **Crônica de D. Fernando**. Coimbra: Coimbra, s.d.

LOPES, O.; SARAIVA, A. J. **História da literatura portuguesa**. Coimbra: Porto, 1982.

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1991.

MONGELLI, L. M.; MALEVAL, M. A.; VIEIRA, Y. **A literatura portuguesa em perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1992.